

Banqueiros acham que o Brasil não pode ser tão arrogante

7 OUT

Banqueiros europeus que acompanharam em Washington a assembleia anual do FMI e do Banco Mundial voltaram inquietos com dois fatos: primeiro, a luta de braço de ferro entre Estados Unidos e Alemanha sobre a expansão da economia mundial; e segundo, a maneira como foi tratado o problema da dívida externa mexicana.

O México, que já havia refinanciado US\$ 1,8 bilhão de dívida pública no Clube de Paris, conseguiu US\$ 12 bilhões de financiamento suplementar, dos quais US\$ 10 bilhões dos bancos credores; reescalonar de novo uma grande parte de sua dívida, para ser paga entre janeiro de 1992 e junho de 1996; e spread (taxa de risco) bem inferior a negociações anteriores.

— Os bancos comerciais internacionais foram literalmente violados pelos mexicanos com o beneplácito das autoridades monetárias presentes na capital norte-americana — disse um banqueiro ao jornal *Le Monde*. A opinião recolhida nos círculos financeiros é de que, após o pacote mexicano, os bancos europeus se sentem “desencorajados” a “ajudar” os países endividados da América Latina. Um banqueiro chegou a dizer que a vantagem “provisoriamente” obtida pelo México poderá voltar-se contra o país.

Os bancos europeus procuram e isso faz parte de sua política, deixar claro que o tipo de negociação, com a garantia do Banco Mundial, não será estendida a outros países — principalmente ao Brasil, o principal devedor. Segundo os banqueiros, se o México tem pouco a perder, os dois outros principais devedores da América Latina, Brasil e Venezuela, fariam bem em não confiar numa atitude “arrogante, tanto mais que eles não se beneficiam de uma fronteira comum com os Estados Unidos”.

E acrescenta: “Como o Brasil, para citar apenas esse país, pode mostrar-se tão duro em relação a seus credores, no momento em que seu comércio exterior registra um superávit da ordem de US\$ 12 a US\$ 14 bilhões? Não é culpa dos bancos europeus se o Brasil desperdiça seu dinheiro em despesas inúteis, em pagamentos de propinas e em transferências mais ou menos ilegais para Miami”.

Para tranquilizar os bancos, o novo presidente do Banco Mundial, Barber Conable, declarou, neste final de semana, que a instituição só aceitará com “grandes reticências” dar garantias de empréstimos privados a outros países. “Não pretendemos generalizar essa garantia. Ela será reservada a casos extremos, como o do México.”

A irritação toda dos banqueiros, porém, é que, a cada negociação, os países latino-americanos exigem novas reduções das comissões (spread e outras taxas), argumentando que a dívida já foi paga mais de uma vez. Um banqueiro reclamou que a “diminuição das taxas sobre os empréstimos tem sido tão forte nos últimos tempos que não há muito o que chorar”.

Certamente, porém, os bancos têm contabilizado muitos motivos para sorrir nas relações financeiras com a América Latina: o serviço da dívida pulou de 75% para 132% em cinco anos; o pagamento de juros passou de US\$ 78 bilhões para US\$ 114 bilhões, enquanto no mesmo período a receita com exportações de matérias-primas declinava de US\$ 104 bilhões para US\$ 87 bilhões. Alguns países, como o Brasil, pagaram comissões extremamente elevadas e possivelmente ilegais para refinar suas dívidas no período negro, logo em seguida à crise mexicana de 1982.

EUA e Europa

Também inquieta aos banqueiros a possibilidade de Estados Unidos, Europa e Japão não chegarem a um consenso sobre a redução dos juros ou sobre a estabilização do dólar. Os EUA insistem em que, se a Alemanha Ocidental e Japão, as novas locomotivas da expansão mundial, não estimularem mais seu crescimento econômico, inevitavelmente o dólar cairá de novo.

O presidente do Banco Central suíço, M. Languetin, considera simplista e perigosa a proposta norte-americana para atenuar o desequilíbrio no comércio entre os países industrializados, na medida em que afrouxar a política monetária; o aumento dos gastos do governo podem aumentar o déficit público e a inflação, “fazendo-nos voltar aos desequilíbrios dos anos 70”.

Estudos demonstram que Alemanha Ocidental e Japão não são os únicos responsáveis pelo déficit comercial norte-americano de US\$ 180 bilhões. Também devem ser considerados Canadá, México e países asiáticos como Coreia do Sul, cujas moedas não variaram muito em relação ao dólar. No total, a divisa norte-americana declinou 30% em relação ao marco, 36% em relação ao iene, mas apenas 6% em relação a uma cesta de 131 moedas.

O déficit norte-americano significa que o país monopoliza em seu proveito uma parte substancial da poupança do resto do mundo, principalmente do Japão e Alemanha Ocidental. O presidente do BC dos EUA, Paul Volker, alertou há duas semanas, falando no Congresso, que “há cinco anos os norte-americanos vivem num paraíso artificial, e que chegou a hora de consumir menos”.

Os EUA são hoje o maior devedor externo do mundo, com uma dívida próxima de US\$ 250 bilhões. A diferença é que os EUA têm a máquina de fazer dólares; o Brasil, só emite cruzados.

Assis Moreira, de Genebra